

TEXTO LITERÁRIO E EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

MARIA EMÍLIA RICARDO MARQUES*

1. Todos falamos das grandes mutações que ocorrem, ou ainda têm de ocorrer, neste começo de um novo milénio. Destaquemos duas ou três:

1.ª mutação – a tão falada mundialização de **n** tipos de actividades: a competição entre países industrializados, competição essa que engendra relações de dominância (ex: o caso da cinematografia americana ou o papel da tradução, em inglês, na divulgação de um autor ou de uma literatura); ora tais relações de dominante-dominado conduzem necessariamente a fenómenos de exclusão e a um dualismo, quase dicotómico, à escala mundo – isto, quando seria necessário articular o local, o regional, o global;

2.ª mutação – os motores de desenvolvimento e de regulação, incluindo o do sector económico, deslocam-se, inelutavelmente, para o não-material, ou seja, para a informação, o saber, a comunicação, a educação;...

3.ª mutação – a criação, talvez já em curso, de ferramentas novas e de outras categorias mentais, decorrentes do desenvolvimento científico e tecnológico actual.

Se pensarmos, agora, a literatura em função do acima exposto e da triade INFORMAÇÃO – COMUNICAÇÃO – SABER, somos levados a destacar alguns pontos que cremos consensuais:

1. demasiada informação conduz a não-informação;
2. o condicionamento do saber, não ao número de informações apreendido, mas à existência de um projecto e de processos mentais e afectivos vários, tais como distanciamento, hierarquização, estruturação;

3. a consciência de que qualquer informação

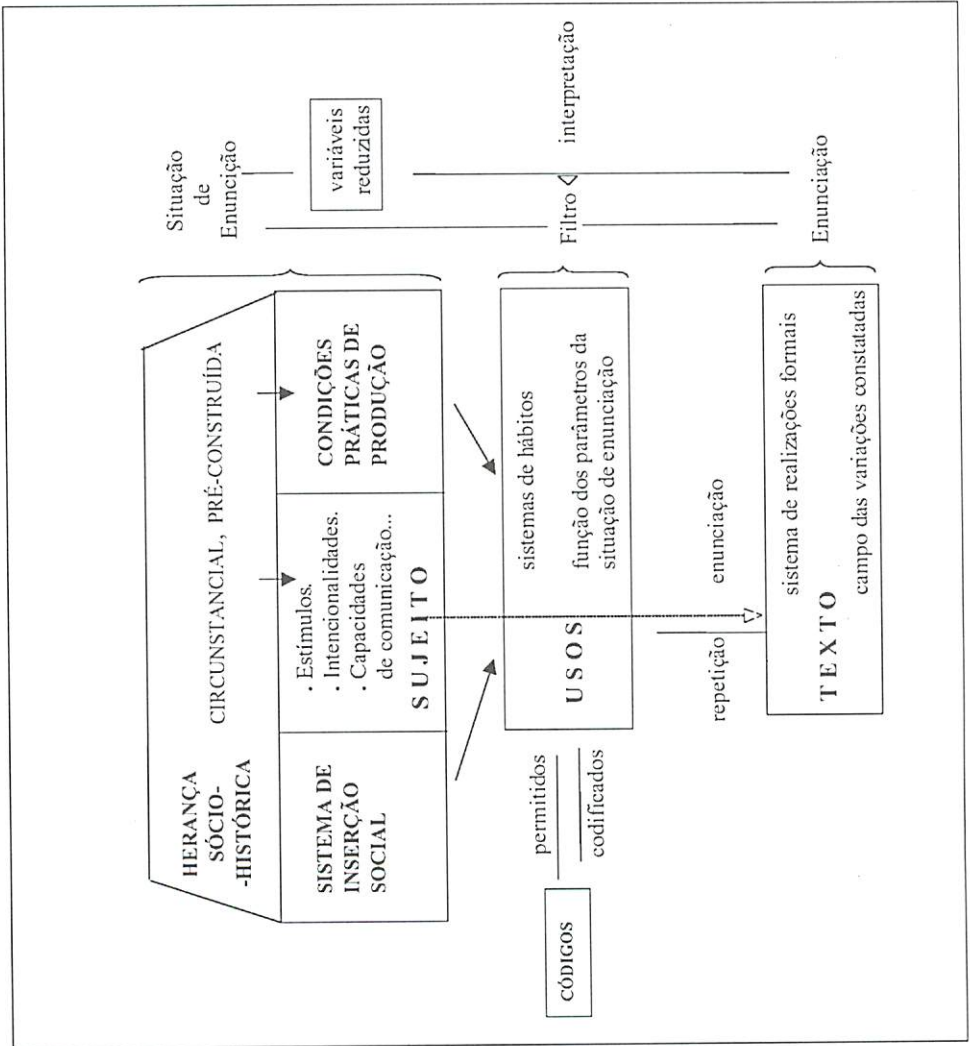
- passa por um canal e assenta em suportes que a modelizam (cf. *Lettres de Sibérie*, de Chris Marker, por exemplo)
- age num receptor que, porque co-enunciador, a interpreta em função de competências várias (entre elas, distingo, a competência linguística e uma competência enciclopédica composta por saberes, tanto explícitos como implícitos, enraizados, uns e outros, numa aprendizagem social, em que se articulam herança cultural e experiências pessoais. Como ponto de partida, temos, portanto, indivíduos muito diferentes. Dai retomarmos a pergunta de Lucien Sfez: "comment installer la conception d'une égalité à venir dans une histoire bio-sociale caractérisée par la différenciation et la complexité croissante, notions qui n'ont rien à voir avec l'égalité?" (Sfez, s/d: 17).

Um esboço de solução residiria, talvez, no impedir que as tecnologias se fechem sobre si próprias e sobre os objectos que legitimam; seria talvez abri-las a novos processos de criação estética, ou à própria literatura, a textos, que, embora enraizados num espaço, num tempo e num sujeito determinados, pudessem tornar-se estímulo de uma inteligência múltipla, em que o emocional ocupa lugar de relevo.

2. Explicitemos, embora em esquema, o quadro teórico em que nos situamos e que decorre de um modelo que designamos por **modelo sócio-enunciativo**.

A zona superior deste esquema (herança sócio-histórica) marca a situação de enunciação: no centro, encontra-se o emissor, **sujeito** individual ou colectivo da enunciação; à sua volta, desenham-se os diversos condicionalismos que, no referido processo, restringem a produção de enunciados: exemplo, acontecimentos ou factores de carácter prático, tais como canal, suporte, género, tema, nível de língua. Estes parâmetros, e muitos outros, interpenetram-se, reagindo a favor, ou contra, uma determinada formulação discursiva, levando deste modo ao primado de uma sobre a outra, em função dos condicionalismos existentes. Recorde-se, a propósito, o fenómeno da variação linguística.

O nosso objectivo ao apresentar este esquema foi o de representar a trama complexa em que se enraiza a enunciação, partindo da tónica posta nalgumas variáveis que nos permitirão "situar" o enunciado. Sobre este, e sobre a sua compreensão, construir-se-á um objecto representacional a ser analisado e interpretado, a partir de parâmetros específicos.



Assim, enraizados quer no receptor (sujeito co-enunciador), quer em textos prototípicos descritivos, talvez dos de mais fácil representação não linguística, tentámos listar algumas temáticas que, não só nos apontam para contextos fortemente diversificados, como nos conduzem a uma outra compreensão dos sujeitos enunciadorees textuais.

2.1. Podemos, portanto, atentar, articulando-os com escolas e épocas, em

- **um certo espaço físico/clima** – lembremos, a título de exemplo, Ferreira de Castro e a Serra da Estrela, Aquilino e as Beiras, a Lisboa de Cesário, Camilo Pessanha e a China; ou Chateaubriand e a Bretanha, Barrès e a Lorena, Mistral e a Provença.

- **a força de um entorno imediato**, mesmo se ocasional, notada, por exemplo, em certos autores realistas, naturalistas, populistas; observemos, por isso, o meio social em

- **A cidade**: J. Diniz e o Porto, Eça e o seu Conselheiro Acácio em Lisboa, a Lisboa de *Bâton* (A. Cortez), B. Santareno e *António*, o *Édipo de Alfama*; Mme Bovary e uma cidade da província francesa, Rastignac e Paris.

- **O campo**: J. Diniz (*As pupilas do Sr. Reitor*, *A morgadinha dos canaviais*), Alfredo Cortez (*Saias*), B. Santareno (*O crime da aldeia velha*).

- **A costa**: *Tã-Mar* (Alfredo Cortez).

- **A família**: *Les Rougon Macquart* (Zola), *Uma família inglesa* (J. Diniz).

- **A profissão**: *Germinal* ou *La Bête Humaine* (Zola), o ferreiro de *Amor de Perdição* (Camilo), *Retalhos da vida de um médico* (F. Namora), *O hóspede de Job* (J. Cardoso Pires).

- **a classe social**, em certas personagens secundárias de Camilo, J. Diniz, Sociro Pereira Gomes, Alves Redol;

- **efeitos de**

- **educação** no bovarismo

- **relações profissionais**: o meio da Imprensa (Balzac, *Les illusions perdues*) ou os já referidos em a **profissão**;

- **meio militar**: *O hóspede de Job* (J. Cardoso Pires)

Como consequências do estudo do meio,

- temos, ou quase uma **zoologia humana**: (Goriot, Grandet, Mme Bovary, o Carlos das *Viagens*), ou **o próprio meio como personagem**, meio sujeito a leis que determinam uma evolução próxima do épico: ex: a Mina, (*Germinal*), a Floresta (*A selva*), a Serra (*A lã e a neve*).

2.2. Depois, para lá do espaço, desenham-se **uma época** e um **circunstancialismo histórico**, que discrimino, sem qualquer ordenação, e que levam a modos de viver específicos.

- **acontecimentos históricos** – vejam-se

- lutas absolutistas-liberais e romantismo (Garrett, Herculano)
- Napoleão e o século XVIII, ou imagens obsessivas de Napoleão em Balzac e Stendhal

- **modelizações do quotidiano**

- *Corte(s) na aldeia* no século XVII
- papel dos sermões na referida época

- **vida económica**

- Balzac e o capitalismo liberal

- **vida política**

- o socialismo de Antero
- a literatura “manipulada” das épocas de Luís XIV ou de Napoleão

- **vida social e religiosa**

- místicos do século XVI
- jansenistas de Port-Royal

- **vida cultural e vivências estéticas**, incidentes

- na representação que uma sociedade e uma época fazem, por exemplo, de certos temas opressivos: cf. *O grito* (Munk) e *O Gebo e a Sombra* (R. Brandão)

- **estádio da literatura**, em termos de modelos estéticos, géneros, temas, estilos, etc.

- **evoluções científicas** (papel da medicina experimental no naturalismo) e **descobertas**, ocorram elas na história das tecnologias e/ou na das ideias: exemplo, imprensa e humanismo; e as consequências que tais descobertas ou evoluções acarretaram.

3. Tentámos, com estas curtas linhas, marcar o enraizamento (*ancrage*) regional e local do processo enunciativo, facto que decorre de, e se apreende pela análise de **mutações sensíveis na pragmática da comunicação**. Permitimo-nos também afirmar que as mutações referidas têm ainda a ver com a **evolução**, quer **tecnológica**, quer **comunicacional**.

Refaça-se, por isso, a traços largos, o percurso apontado, articulando, naturalmente os dois temas que nos propusemos trazer para discussão. Ora vejamos.

3.1. Nas sociedades de **comunicação oral**, sociedades com memória, a recepção dos discursos sempre se processou no contexto da sua produção, logo, enraizados em, e abrindo caminho, à História.

Recorde-se que, se o mesmo discurso se repetia, de geração em geração, era com base na memória auditiva, uma memória que nem sempre deixava de ser, ou filtro afectivo - exemplo, na simulação *Napoléon vu par un soldat* de *Le médecin de Campagne* (Balzac), ou em mecanismos condicionadores de variantes - lembrem-se, por exemplo, as do conto tradicional *Comadre Morte*.

Constata-se, por conseguinte, que a sociedade ficava limitada ao seu próprio espaço-região, vivendo uma totalidade que, embora dinâmica, se fechava sobre si própria, não visando o universal.

3.2. Com a chegada da **escrita**, os textos distanciam-se da situação enunciativa de origem, distanciando-se, por conseguinte, do sujeito, do tempo e do espaço contextuais. E com essa distância, com a heterogeneidade dos quadros co-enunciativos abertos, com a opacidade criada, sobretudo, pela não intersecção e, até, pela não proximidade dos universos de referência, surgem problemas de recepção e de interpretação.

Isolamos aqui, fortemente distintas do todo, certas obras, emanadas de fontes de autoridade e já construídas de maneira a que fossem sempre interpretadas de modo idêntico, dado que o respectivo conteúdo teria de permanecer imune a variações contextuais. A propósito delas falamos, então, de trabalhos de

- **exegese**, designação aplicada, sobretudo, à interpretação bíblica (gramatical e histórica);
- **anagoria**, termo teológico que designa uma interpretação das escrituras, partindo do sentido literal e visando o espiritual;
- **hermenêutica**, como ciência da interpretação de textos, quase sempre, de carácter sagrado.

Surgem-nos, pois, com a escrita, mensagens que visam um UNIVERSAL, universal este enraizado em textos que fixam conteúdos, que os "rigidificam", os tornam não flexíveis. Poderíamos talvez afirmar tratar-se de uma escrita totalizante, dado que este tipo de obra, seja ela de carácter religioso, político (ex: Carta dos Direitos do Homem) ou científico... se basta a si própria, qual totalidade

cuja significação última se pretende verdade universal, ou seja, verdade para todo e qualquer um, em qualquer espaço ou tempo. A religião, a democracia ou a ciência tornam-se assim espaços virtuais em que o Homem deseja encontrar-se a si próprio.

Pela escrita, depois pelo **texto impresso**, ocorre então, dada a sua durabilidade, uma extensão máxima da memória social, que, assim, atravessa tempos e espaços. Com ela se articulam épocas de expansão, conquistas, colonizações. E o Universal que nessa fase se entroniza, tende a desenhar-se à dimensão dos Impérios. É um Universal que se impõe, em sentido único, sobre a diversidade cultural, seja em termos de religião, de ciência ou de direito. Daí que a Igreja ou a Universidade tenham conseguido manter, nesse tempo, um domínio quase total sobre o Saber - reveja-se o papel da Inquisição e recorde-se o *Poema para Galileu* (António Gedeão).

3.3. A chegada do **audiovisual tradicional** começa a alterar esse equilíbrio precário, porque equilíbrio imposto pela força. Filmes como os de Charlot, ou o célebre *Metropolis* (Fritz Lang) têm eco forte no mundo ocidental. Depois, certos totalitarismos modernos levaram, tanto à ruína de fascismos e imperialismos, quanto ao alargamento, à escala mundo, de um certo número de inquietações, de uma micro-sistemática de valores básicos e de atitudes humanas fundamentais.

Acentue-se, contudo, que, nesta fase, quer a rádio, quer a televisão ou o cinema, não abriram, logo *ab initio*, um espaço de comunicação universal - lembre-se a importância dos limites espaciais, mesmo quando da célebre emissão radiofónica de Orson Welles. O facto é que se mantiveram, por um lado, centros emissores (ex. BBC ou CNN), por outro, receptores passivos, isolados uns dos outros, não inter-agentes. Tentando quebrar este tipo de relação, surgem os testemunhos "em directo" e as imagens documentais, provas verdadeiras do dito, porque dadas a ver. O espectador-receptor, ante a catadupa teledifundida, torna-se por isso presa de um outro domínio totalitário, o das comunicações de massa. De facto, neste período, só pelo telefone, é quebrada a relação **UM** pólo emissor - **N** pólos receptores. **Mas a interacção aberta é de tipo iterativo** e pode limitar-se à relação entre dois pólos únicos, mesmo se passível de uma repetição tendente ao infinito.

Foi sobre este modelo, o do audiovisual tradicional, que se construíram os **primeiros sistemas de ensino a distância**. Alguns caricaturam-nos pelo uso da célebre expressão "*His master's voice*", talvez por haver, naqueles sistemas de informação/comunicação, uma construção prévia bastante rígida de saberes e que um centro difusor distribui de modo suposto igualitário e democratizante.

Refira-se Erling Ijoså: " *the use of distance learning [...] seems to be based on finding ways of presenting lectures through various types of technology, without changing very much the function or the content of the lecture. [...] it is also argued that the new technology increases the dominant role of the teacher in imparting knowledge, making the teaching-learning situation even more authoritarian than in conventional education*" (Ijoså, 1998: 8).

3.4. De repente, as **tecnologias da era digital** surgem como infraestrutura de um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de troca de informação e de saberes.

Aí, em princípio, todos comunicam com todos e, num futuro ainda longínquo, desenha-se um espantoso ferramental de desenvolvimento e de flexibilização de uma inteligência colectiva.

Pense-se, por exemplo, nos satélites, nas telecomunicações e em postos de interacção tão diversos como " *knowledge labs*", centros multimedia, cibercafés. O saber, seja ele literário, ou não, desenha-se agora em mapas cognitivos temáticos (centros de interesse), que se organizam/reorganizam em função de interacções comunicativas (síncronas e a-síncronas), de um espaço dinâmico de subjectividade colectiva, não institucionalmente controlado. O maior perigo acaba, de novo, por residir na inscrição do "mediático", mesmo se sob forma de televisão interactiva, num dispositivo que, *a priori*, oferece muito mais liberdade e uma mutação efectiva, tanto nos hábitos de qualquer um, como na não existência de uma significação global pré-fixada. Surge-nos assim um Universal que sentimos sempre em devir, fluido - no sentido de *fuzzy*, imprevisível, labirintico, opaco. Mas, sê-lo-á de facto?

4. E creio chegado o momento em que devemos retomar o plano do regional, atrás articulado com sujeitos, com grupos e com os contextos e situações em que aqueles se movem. Concretize-se tal movimento, partindo, do mediático, agora não como encenação e representação, mas como expressão de identidades diversas. Imaginemos, para isso, um *forum* telemático que debata a nível global, por exemplo, as três versões de " *A casa de boneca*" (Ibsen): uma norueguesa (contexto de origem), outra inglesa e outra americana; ou *O Rei Lear* nas suas várias versões, incluindo, quer a de Kurosawa, quer a de uma telenovela brasileira.

Outro exemplo poderia ser o estudo das temáticas do mar ou da viagem, em literaturas várias. Outro ainda, o do teatro simbolista português no quadro do simbolismo europeu. Outro, enfim, a articulação destes com o teatro do silêncio (ver o prefácio de *Martine* - Jean Jacques Bernard ou *O Gebo e a Sombra* já referido).

Aprender-se-ão, naturalmente, fortes heterogeneidades, culturalmente marcadas e dinamizadas pelos grupos de pertença dos intervenientes. Trata-se, no entanto, de uma heterogeneidade que, embora fenómeno global, "*invente un Universel sans totalité*" (cf. Lévy, 1994 e 1995) e que pode vir a dinamizar um pensamento crítico complexo ou aquilo que Lévy designou por "inteligência colectiva", designação, aliás, já atrás utilizada.

Contudo, deste espaço horizontal de diálogo, destas encruzilhadas de múltiplos percursos, há um sem número de excluídos: uns, porque à margem das redes construídas; outros, porque as utilizam sem a quebra prévia de representações de rotinas, de comportamentos verbais estereotipados, de clichés, de bordões linguísticos.

Aqui, o texto literário, pela sua força e autenticidade, tem um papel de relevo, porque enraizado num contexto sociohistórico e num grupo cultural, num EU, sujeito que os reflecte ou deles se distancia, com maior ou menor tensão, com maior ou menor opacidade.

Esse texto será visto, lido, comentado, de modo síncrono ou assíncrono, por receptores, sítos em N espaços dispersos. O texto, ou melhor, a leitura que cada um dele faz, torna inevitável o pluralismo engendrado pelas interpretações de cada um, interpretações essas que se encontram marcadas, até, por diferentes funções simbólicas, ou seja, por uma mediação, situada, de símbolos interpretantes, também eles diversos, que apontarão para o singular, para o único.

Kant falava do "dever de comunicabilidade da obra de arte". Mas esta comunica de modo diverso com cada um de nós. E estabelece, com cada um, uma relação diversa também. Pela leitura dessas obras abre-se, assim, um duplo processo semiótico. O primeiro surge com base em estratégias perceptivas, reaccionais, apreciativas...tratando-se de um processo organizativo fortemente idiossincrático. Depois, pelo diálogo, pela interacção, pode ser engendrado outro processo organizativo que, tanto pode ser despoletado por actividades protocoladas, de rotina, como por tipos específicos de mecanismos transaccionais. E o resultado destes últimos pode ser inesperado. Daí que aceitar propor textos literários para uma discussão em Rede, na Internet, daí que aceitar apresentá-los em modalidades diferentes e arriscar debatê-los, mesmo se em debate marcado por protocolos de análise, seja contribuir, como piloto, como timoneiro (*kybernètes*),

- para articular competências, perspectivas dispersas e diversificadas,
- para um encontro real entre homens que vivem, esparsos, no ciberespaço,
- para que o Homem, qualquer homem, consiga situar-se no novo contexto,

consiga tratar a não-certeza, consiga organizar e pôr em questão o seu próprio saber e consiga percorrer caminhos de solidariedade e de tolerância, " *en se frottant et en se limant la cervelle à celle d'autrui*" (Montaigne).

Nota

* Maria Emilia Ricardo Marques é professora catedrática da Universidade Aberta. A sua área de investigação principal tem sido a Análise do Discurso (político, publicitário, didático). Tem-se debruçado ainda sobre questões de Linguística Aplicada, Sociolinguística, Novas Tecnologias e Aprendizagem de Línguas. É autora de inúmeros estudos publicados em Portugal e no estrangeiro.

Referências bibliográficas

- LÉVY, Pierre (1994) - *L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. Paris, La Découverte.
- LÉVY, Pierre (1995) - *Qu'est-ce que le virtuel?* Paris, La Découverte.
- LJOSÁ, Erling (1998) - *Open Distance Learning*, Eden Conference.
- SFEZ, Lucien (s/d) - *Information, savoir et communication*, Paris, Centre Galilée.